

**PRAÇAS PÚBLICAS E POSSIBILIDADES LÚDICAS: UMA ANÁLISE DAS
PRAÇAS SERZEDELO CORREIA E EDMUNDO BITTENCOURT EM
COPACABANA-RJ**

Recebido em: 05/09/2015

Aceito em: 13/01/2016

Marcelo Paula de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Marcelo Siqueira de Jesus
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Diamantina – MG – Brasil

Diogo Van Bavel Bezerra
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar as condições das instalações de lazer em duas (2) praças públicas do bairro Copacabana, município do Rio de Janeiro. A partir disso, podemos inferir questões acerca da relação entre conservação dos espaços estatais e as possibilidades de lazer para o conjunto da população. Esta pesquisa utilizou uma análise crítica com observação participante e entrevistas com usuários e funcionários de limpeza, segurança e conservação que atuam nas praças. Concluímos haver sérios problemas de conservação em ambas as praças, que implicam numa precarização e restrição das possibilidades de utilização desses equipamentos públicos.

PALAVRAS CHAVE: Logradouros Públicos. Atividades de Lazer. Recreação.

**PUBLIC SQUARES AND PLAYFUL POSSIBILITIES: AN ANALYSIS OF
SERZEDELO CORREA AND EDMUNDO BITTENCOURT'S SQUARE AT
COPACABANA**

ABSTRACT: The aim of this study was to analyze the conditions of the leisure facilities in two (2) public squares in the Copacabana district of Rio de Janeiro. From this we can infer questions about the relationship between conservation of state spaces and leisure possibilities for the whole population. This research used a critical analysis with participant observation and interviews with users and cleaning staff, security and conservation working in the streets. We conclude be serious talk of problems in both squares, which entail a precarious and Restriction of options for using these public facilities.

KEYWORDS: Public Facilities. Leisure Activities. Recreation.

Introdução

A relação entre as possibilidades de lazer e espaço público nas grandes cidades é uma tônica incontestável. As maiores disponibilidades geralmente vêm acompanhadas de melhores condições concretas a essas vivências. Dentre os equipamentos públicos mais acessados, ainda que de maneira desigual pelas diversas classes sociais em função de um conjunto de elementos, estão as praças e parques públicos. Esses representam uma considerável variedade de opções de lazer nas cidades. Considerando ser difícil pensar numa uniformização desses equipamentos nas diversas cidades brasileiras e mundiais, podemos dizer que geralmente possuem brinquedos infantis, alguns espaços arborizados, bancos dentre outros elementos. Geralmente as praças e parques de maior dimensão também podem ter campos e quadras esportivas, pistas de caminhada (ou uma área que é utilizada como tal), aparelhos para exercícios que remetem à ginástica de academia e musculação, bancos adaptados com tabuleiros de damas\ xadrez. Claro que a distribuição regional dentro das cidades e seu estado de conservação irão demonstrar pontos centrais das administrações municipais (geralmente responsáveis pela manutenção e gestão desses equipamentos), mas também Estaduais e Federais em cada caso concreto.

O objetivo deste trabalho foi analisar duas (2) praças públicas do bairro Copacabana, município do Rio de Janeiro e verificar como a presença estatal é sentida no tocante à manutenção e condições de utilização por parte da população. Não obstante, também visou observar o uso e as formas de apropriação destes locais pela população de diferentes faixas etárias. Mais expressamente foram observadas e analisadas a conservação, limpeza e condições de acesso e permanência aos equipamentos em seu interior e também em seu entorno. As praças selecionadas foram:

a) Praça Serzedelo Correa;

b) Praça Edmundo Bittencourt\Bairro Peixoto.

Foram utilizados como forma de obtenção de dados a essa pesquisa: (1) análise descritiva dos espaços públicos de lazer das praças selecionadas; (2) conversa com funcionários responsáveis pelos locais com perguntas relacionadas à manutenção dos equipamentos, limpeza e conservação. Foi observado também se havia momentos de atividades dirigidas ou grupos que estivessem realizando algum tipo de atividade com o público que utilizava o espaço. Foram realizadas três (3) visitas em dias e horários distintos para observar diferentes grupos de crianças e jovens que estivessem usando os espaços. Também foram acessadas informações acerca dos referidos equipamentos e do bairro de Copacabana nos sítios eletrônicos da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Parques e Praças Públicas e Cidades em Tempos de Mercantilização da Existência

Ter um parque ou praça pública próximo da residência ou a pequenas distâncias é um fator que tende a influenciar nas possibilidades de uma melhor vivência de sociabilidade. Entretanto, isso só se concretiza se esses equipamentos tiverem minimamente condições de uso, com manutenção, segurança e limpeza adequada. Geralmente tais funções são de responsabilidade das municipalidades que executam (ou não) o trabalho de manutenção. Não obstante, a concentração nas regiões turísticas e\ou centrais obriga grandes contingentes populacionais a usarem transportes públicos lotados (devido a menor oferta nos finais de semana) ou disporem de carros particulares com grandes distâncias a percorrerem.

Uma cidade ou bairro que possui poucos locais que estimulem a vivência do lazer às crianças e jovens está reduzindo as chances deles praticarem diversas atividades com a família e\ou outras crianças, dificultando na interação social, além da diminuição do contato com diversas modalidades de lazer. Ao mesmo tempo, as praças inserem-se

na história de cada localidade e mesmo as praças recentes podem (e ressaltamos o caráter de possibilidade, visto não ser garantido a priori) representar elementos “polarizadores de práticas sociais criadoras de memória e identidades coletivas. [...] Nesse sentido, a praça é também testemunho de uma vivência e memória coletiva, um espaço que suporta um conjunto de práticas sociais” (BARBINI & RAMALHETE, 2012, p. 236-7).

A palavra de ordem de investir em parques públicos, bem como as ditas parcerias entre empresas e governos na (suposta) manutenção destes locais de lazer, criou o que Serpa (2009) chamou de expressa ligação entre visibilidade e espaço público. Em alguns casos, essas intervenções servem mais para valorizar bairros de classe média, do que realmente intensificar a incorporação de novas parcelas da população a uma maior gama de serviços públicos de lazer, esporte e acesso a espaços arborizados, visto permanecerem “inacessíveis para um público de perfil mais popular que habita as periferias metropolitanas das duas cidades [Salvador e Paris]” (SERPA, 2009, p. 26). As reais dificuldades de deslocamento, incluindo de ordem financeira, como Serpa (2009) aponta em relação a capital baiana, tornam algumas intervenções como intensificadoras da desigualdade. No caso de Salvador, poucos se beneficiam dos novos parques e praças, salvo os turistas e moradores do entorno. Assim, “o parque público é um espaço aberto à população, acessível a todos, posto à disposição dos usuários, mas todas essas características não são suficientes para defini-lo como espaço público” (SERPA, 2009, p. 36). Não obstante, esse mesmo autor mostra que não há como dissociar as condições de acesso aos novos parques públicos da oferta e da qualidade dos transportes públicos coletivos, bem como da distância a ser percorrida.

Há uma contradição inerente aos novos parques que os vincula explicitamente aos processos de gentrificação, com a expulsão via mercado e elevação dos custos de

habitar determinada região, justamente em função de melhorias trazidas pelos governos. Menos do que apontar alguma crueldade deliberada trata-se de uma expressão efetiva das relações sociais capitalistas, e aqui está presente sua crueldade intrínseca. As melhorias reivindicadas têm como outra face da moeda, um lento processo de elevação de custos de aluguéis, dos preços das propriedades, dos serviços ao redor, gerando condições que podem inviabilizar a permanência de moradores que em grande reivindicaram as ditas melhorias, mas não podem usufruir delas. Como afirma Serpa (2009) os parques públicos tornam-se parte desse processo na medida em que são, a priori, espaços de considerável valor patrimonial, e não apenas bens coletivos e lugares de diversão e vivência do que o autor chamou de natureza socializada. Se não deixam de ser tudo isso apresentado, também não se pode ignorar sua contribuição, na medida em que não se dividem igualmente por toda cidade em cada caso concreto, mas por áreas selecionadas, na valorização fundiária e lenta expulsão dos moradores originais.

Geralmente há características comuns de bairros populares ou longe de áreas turísticas na maioria das cidades, sempre considerando as exceções em cada caso concreto. É comum a ausência de amenidades físicas, como parques públicos, praças e arborização urbana (SERPA, 2009). Por isso, os parques públicos tendem a gozar de imensa legitimidade enquanto realização estatal. A avidez por áreas verdes em cidades edificadas torna esse momento ainda mais intenso e compreensível, embora nem por isso isento das contradições inerentes as relações sociais de produção capitalista e das lutas entre as classes sociais que as constituem.

Como apontam Cotrim e Bichara (2013), considerando que os espaços públicos das cidades, sendo elemento presente na vida social das crianças, tem central relevo nas possibilidades lúdicas, com implicações nos usos e vivências que cidadãos em geral – e não só crianças - podem dispor e relacionarem-se. Os usos diferenciados dos espaços

urbanos, com grande variabilidade de encontros ampliam as possibilidades formativas à luz das experiências diversificadas. No caso de crianças isso ganha em importância pelos contatos, relações e posições nas interações que tomam e vivenciam nesses espaços públicos. Por isso, praças e parques públicos acessíveis ao maior contingente populacional possível implicam em maiores e mais profundos processos formativos a partir dos momentos de lazer.

Em função das dinâmicas próprias das cidades é impossível pensar em não acompanhar crianças em seus momentos de lazer, implicando na dependência cada vez maior da disponibilidade do tempo e motivação dos pais, avós, irmãos mais velhos ou outros cuidadores para frequentar esses espaços e assim, acabem não conseguindo exercer suas atividades de interação com outras crianças. Este contato estimula o desenvolvimento interpessoal. Porém, há a necessidade da disponibilidade de espaços com uma capacidade de mobilidade (autonomia), adequação dos equipamentos às suas características, conservação e preservação do patrimônio ambiental urbano (REVERDITO *et al*, 2012).

Como defende Serpa (2009) mais que aspectos estéticos e históricos de parques públicos e praças, para amplas parcelas da população residentes das cidades - diferentes dos turistas - a acessibilidade e a proximidade tornam-se mais determinantes na utilização desses equipamentos. Mais ainda, o mesmo autor afirma haver, no processo de apropriação social dos parques tanto por parte da população residente em sua imensa variabilidade como por parte dos turistas, constantes concorrências entre “[...] os usos ditos conformes às regras e normas e os usos imprevisíveis ou “proibidos” (SERPA, 2009, p. 77)”. Isso leva a questão da apropriação de parques e praças para os debates acerca da vivência da cidade por diferentes classes e frações de classe em cada conjuntura concreta.

A despeito de aura de espaço protegido no meio dos problemas urbanos que marcam qualquer grande cidade - umas mais que outras - parques público e praças não estão apartados dessas contradições. Questões como segurança e limpeza urbana também incidem nesses espaços, inclusive no que se refere ao cercamento ou não dos parques e praças e limitação ou não dos horários de funcionamento.

Tendo como substrato à carência de áreas verdes na maioria das grandes cidades, os parques públicos e praças arborizadas tendem a ser considerados como refúgio, implicando na visão mais ou menos generalizada de que contribuem para uma melhor qualidade de vida nas cidades, oferecendo opções de lazer mais confortáveis. Como defende Serpa (2009, p. 82) “a necessidade de natureza nunca foi tão evidente, colocando os parques públicos no centro das novas problemáticas urbanas e tornando o uso de “áreas verdes” um direito de todos os cidadãos”. A isso se soma que essa vivência de natureza e áreas verdes sai da esfera privada (tem-se que pagar para ter tal vivência), mas entra no rol das demandas políticas esperadas dos blocos no poder, como parte de suas responsabilidades.

Como apontam Silva *et al* (2012) dentre os fatores motivacionais mais relevantes à utilização de determinado parque público certamente são mencionados a proximidade de sua residência (e conseqüentemente as maiores facilidades para acessar esse equipamento) e a segurança. Em sua pesquisa em dois equipamentos na cidade de Recife - PE uma das atividades mais ressaltadas foi acompanhamento de crianças em suas brincadeiras nos referidos espaços públicos (SILVA *et al*, 2012).

No cumprimento do direito ao lúdico e ao lazer cabe ao Estado uma parcela, no sentido de proporcionar condições e espaços para que as crianças possam exercer este direito livremente e com segurança. Outro aspecto que deve levar em conta na infância são os espaços livres para que elas exerçam de modo seguro e com estímulos

adequados, além da participação dos pais neste momento de tempo livre, visto que a relação dos pais com os jogos das crianças estão cada vez mais distante, pois eles buscam equilíbrio entre o trabalho e o repouso para oferecer às crianças melhores oportunidades e espaços para o uso do tempo livre, entretanto sem conseguir participar diretamente dele.

Os parques estão associados e inseridos no planejamento urbano, conferindo aos órgãos estatais a responsabilidade de manutenção, reformas e melhorias, além da oferta de opções de lazer, como propor e decidir sobre alternativas de uso dos espaços urbanos. Um dos objetivos dos parques urbanos é dar ênfase e estimular o aspecto lúdico proporcionando nas brincadeiras e nos jogos infantis uma forma de ensinar e educar os usuários do local, estimulando a convivência e interação com diferentes pessoas (crianças) que frequentam os locais (COSTA e CAMARGO, 2012).

Sobre Copacabana

O caráter cosmopolita do bairro de Copacabana e a transformação urbanística devido às verticalizações das edificações são representações dos efeitos da divisão social do trabalho na cidade do Rio de Janeiro. A vida intensa matutina e noturna do bairro é descrita pelo número de salas de cinema, pelos teatros, boates, ampla rede comercial e hoteleira. Conforme Velho (2002) aponta, seu crescimento se deu em virtude das grandes incorporações, promovendo à verticalização das edificações. Essa verticalização possibilitou uma ampla mobilidade de moradores egressos da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Estes migrantes buscavam Copacabana em razão da proximidade de suas moradias com a praia e o comércio. Historicamente a densidade demográfica do bairro é uma das mais altas da cidade do Rio de Janeiro, superior a dos

bairros vizinhos de Ipanema e Leblon. O que Velho (2002) ainda informa é que estes novos moradores escolheram Copacabana devido ao seu status e prestígio.

Copacabana tem diversas praças. Este bairro sofreu ampla intervenção paisagística e urbanística, que possibilitou a sua potencialidade turística, na qual, alcançou a sua atual condição de principal bairro turístico e cultural da cidade do Rio de Janeiro, que representa a vanguarda e o caráter cosmopolita da próxima cidade olímpica.

Copacabana tem sido um dos pontos mais visitados no Brasil, e representa a sua importância na relação entre turismo e economia, em razão de ter se tornado um dos principais cartões postais do nosso país. A praia de Copacabana sediará competições dos próximos jogos olímpicos da era moderna, e justificamos a importância de se conhecer a realidade dos espaços de lazer e de mobilidade urbana, que integra todas as classes sociais daquele bairro carioca.

Em 2010, o Censo afirmava haver na região administrativa de Copacabana 161.191 habitantes. Caso fosse um município estaria na 20ª colocação no estado do Rio de Janeiro dentre os mais populosos. Copacabana tem área de 5 Km² e densidade demográfica de 32784 moradores por Km². Tem como bairros limítrofes Leme, Botafogo, Ipanema e Lagoa e um Índice de Desenvolvimento Humano de 0,956, estando 11º lugar de um total de 126 bairros na cidade do Rio de Janeiro¹. Copacabana possui em média R\$ 1623,42 de renda per capita (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2015; SEBRAE-RJ, 2011).

As duas praças supracitadas neste estudo, como lócus de pesquisa, tem como justificativa de escolha, pela razão da proximidade com comércio, instituições públicas,

¹ Apenas para ilustrar a expectativa de vida em Copacabana chega há 77,78 anos ao passo que Anchieta (100º na lista do IDH) essa expectativa cai para 68,90 anos.

empresas, hotéis e por estar próxima das edificações das classes altas, médias e classes populares. Entendemos que a praça é o lugar de acesso e uso para todas as classes na sociedade carioca, e em especial a do bairro de Copacabana, ligam a praia e as residências do bairro, com isso faz com que todos circulem, e tem neste espaço um pequeno trecho de democracia, por não ter nenhum código e nem impossibilidade de mobilidade de quaisquer indivíduos. Compreendemos a praça pública como espaço de diálogos e de trocas simbólicas, sem que haja controle de entrada e saída para aqueles de classe popular ou das classes média e alta. Copacabana é um centro cosmopolita da sociedade urbana na cidade do Rio de Janeiro, conforme Lefebvre (2002) apresenta a definição de sociedade urbana como aquele grupo social que alcança a urbanização total. A praça pública faz parte deste processo urbanístico do capital, que possibilita a mobilidade de todas as classes, geralmente, localizada em região central entre os espaços de trabalho, as residências e o comércio. Também se justifica analisar essas praças em virtude da realização das competições dos próximos Jogos Olímpicos, que representam interesses de grandes grupos empresariais.

Análise das Praças

A Praça Serzedelo Correia fica próxima à praia de Copacabana, tendo em seu entorno um tráfego de ônibus e carros muito grande, além de ter que dividir o espaço com pedestres e ambulantes que utilizam os locais para passagem ou como forma de encurtar o caminho para outras ruas. Já a Praça Edmundo Bittencourt, situada no Bairro Peixoto², (um bairro não oficial que fica dentro do bairro de Copacabana cercado por prédios e casas) apresenta em seu entorno árvores, pássaros, o verde do morro dos

² Mais informações no site Revista Bairro Peixoto Copacabana:
<http://www.revistabairropeixoto.com.br/blog>

Cabritos e os micos andando pelas árvores, um cenário mais calmo e menos perturbador quando comparado com as outras duas praças que ficam próximas à praia.

Praça Bairro Peixoto

A Praça Edmundo Bittencourt, também conhecida como Praça do Bairro Peixoto, é considerada uma ilha dentro de bairro. Cercado de verde com a pracinha e o chafariz, e um certo ar bucólico, tem como maior público frequentador os moradores do seu entorno. Pode ser definida como uma Praça de multiequipamentos. Parte do público frequentador da praça é composta por moradores da Ladeira dos Tabajaras e do morro dos Cabritos, comunidade da zona sul que contam com cerca de cinco (5) mil moradores, tendo um crescimento de 37% na última década na população dessas duas comunidades. Em ambas as comunidades existem uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP).

No seu entorno há 1 colégio e curso particular chamado Pensi , 2 creches, sendo uma particular Criativa e outra pública (Irmãs Batista) e 1 pré-escolas/creche Bem-Viver, todas situam se nas ruas que circundam a Praça Bittencourt. A presença destas escolas, pré-escolas e creche demonstra a característica do publico frequentador que se identifica como os alunos destes estabelecimentos de ensino sendo público ou particular, além de pais que levam seus filhos para usarem o espaço.

Inicialmente realizaremos uma descrição geral da Praça e depois uma análise pormenorizada das instalações e suas condições. A Praça possui 1 fraldário, 11 conjuntos de bancos e mesa com tabuleiro embutido de jogos de DAMAS\XADREZ, 18 bancos de 3 lugares, 1 mesa grande com dois bancos grandes (capacidade estimada de 6 adultos em cada banco) para lanches coletivos, aparelhos de Academia da Terceira

Idade (ATI), um chafariz desativado, espaço cimentado com tela protetora superior e

lateral usado como quadra de futsal com baliza tipo “golzinho”³ para jogos sem goleiro, e um conjunto de brinquedos infantis localizados numa área gradeada, configurando uma espécie de parque infantil. Esse conjunto apresenta 2 escorregadores (1 com maior angulação na descida e outro menor), 6 Gangorras; 3 jogos de balanços, 2 quadrados “trepa-trepa”.

Durante o período que esses autores estiveram na praça (2 horas no dia 11-06-2015) foi observado a existência de 1 gari da Companhia Municipal de Limpeza Urbana da cidade do Rio de Janeiro (COMLURB) e uma viatura da Polícia Militar fazendo ronda pela praça e depois se instalando numa de suas esquinas.

Os moradores dos prédios também frequentam a praça, relatando alguns problemas relacionados à violência. Segundo alguns frequentadores:

Moro aqui do lado, venho com frequência aqui trazer meu neto. [...] aqui já houve um grupo de pessoas neste chafariz que vivia fazendo arruaças por aqui, assaltavam, dormiam no gramado, tinham relações sexuais, fumavam e cheiravam drogas. [...] um outro problema são os brinquedos e o acesso até eles, portão está cheio de ferrugens, os brinquedos também, teve um dia desses que uma menina estava no balanço e a corrente arrebentou. Frequentador 1.

Vivo aqui há mais de cinquenta anos meu filho. [...] aqui sempre foi calmo, mas teve uma época que moravam umas pessoas na praça, eles consumiam drogas, sabe como é que é, né. Frequentadora 2.

Agora iniciaremos a descrição de cada equipamento no que tange a seu estado de conservação e possibilidades de uso por parte da população. Os registros fotográficos realizados pelos autores ajudarão tanto na análise dos equipamentos da Praça Edmundo Bittencourt como também como elemento de comprovação.

³ Golzinho é um denominativo comum no Rio de Janeiro para indicar uma trave\baliza pequena, com aproximadamente 60 cm de largura e 40 cm de altura. Nos jogos de rua costuma ser substituído por chinelos ou pedras, sendo a balizar superior inexistente.

Todo o conjunto que compõem o Parquinho Infantil é gradeado, havendo dois portões de acesso, com travas no alto, o que impede crianças pequenas de acessarem ou saírem sozinhas do espaço. Os 3 conjuntos de balanços apresentam algum grau de proteção às outras crianças. Apenas em 1 desses conjuntos há um gradeamento integral, o que diminui bastante o risco de acidente enquanto as crianças estiverem balançando. Contudo, esse mesmo gradeamento possui não apenas partes oxidadas, mas pedaços de ferros com ponta expostas, implicando em fortes riscos de acidentes com cortes. Como indicado na foto abaixo, isso levaria a necessidade de procurar serviços de saúde em função da presença de oxidação (ferrugem) nas partes em questão, além dos riscos de cortes profundos e/ou em partes sensíveis do corpo (olhos, bocas etc.). Mesmo que se tratasse apenas de uma ponta de ferro já seria grave, mas nesse caso há outras áreas do gradeamento nessas condições. O que ele protege de acidentes com a utilização dos balanços - dever comum em espaços de frequência de crianças brincando e correndo - expõe a riscos com as partes oxidadas. Os balanços propriamente ditos estão em bom estado de conservação, sem haver parafusos frouxos ou partes que possam trazer danos aos usuários.

Figura 1: Gradio que cerca os balanços com deterioramento das grades.



A presença de um fraldário em princípio chamou a atenção de forma muito positiva. Considerando que crianças que já andam (em torno de 1 ano) podem seguir usando fraldas por mais algum tempo, isso indicaria a possibilidade de que os pais, mães e/ou responsáveis pudessem levá-los para brincar sem a preocupação de ter que trocar em bancos, apoiados nos carrinhos ou mesmo no colo. Contudo, ao nos aproximarmos vimos que não há nenhuma possibilidade de uso nos 3 dias em que realizamos as visitas. Conforme indica a foto abaixo, o fraldário estava completamente coberto de areia, não havendo nenhuma segurança sanitária em realizar qualquer operação de limpeza em crianças e bebês naquele espaço.

Figura 2: Espaço que deveria ser reservado para o uso dos pais na troca de fralda dos seus filhos, está inutilizável pelo acúmulo de sujeiras e terra. Permanecendo assim durante todas as visitas dos autores.



Outro equipamento presente no parque infantil são as gangorras, que totalizam 6. A análise foi que algumas delas estão com as hastes de apoio frouxas. Isso traz instabilidade às crianças que sentam nos suportes para brincar.

Já nos chamados escorregadores é possível vislumbrar questões estruturais relevantes ao debate das possibilidades lúdicas da Praça enquanto equipamento de lazer. São 2 escorregadores que estão na Praça Edmundo Bittencourt. A partir das angulações de suas rampas de descida, decidimos arbitrariamente classificá-los como: 1) voltada à primeira infância (0 a 3 anos); 2) voltada à segunda infância (03 a 7 anos). Sobretudo no escorregador menor, há imenso risco na descida, ao final da queda. Há um buraco em que aumenta o risco da criança bater a cabeça no equipamento ou mesmo tropeçar, dependendo da velocidade da descida. Ao mesmo tempo, cumpre registrar que os

equipamentos estão em relativo bom estado de conservação no tocante as escadas e rampas. Como apontado, os problemas estão na descida, após o final do equipamento.

Figura 3: Escorrega voltado para crianças na 2ª infância, porém a área de amortecimento praticamente não existe e pode causar acidentes para quem utiliza.



Figura 4: Escorrega voltado para crianças na 2ª infância, porém a área de amortecimento praticamente não existe e pode causar acidentes para quem utiliza.



Também foi notada a presença de animais de estimação brincando com seus donos em lugar aberto e bem próximo às pessoas que frequentam a ATI (academia da terceira idade) e as crianças que circulam até chegar ao parquinho. Como afirma um entrevistado:

Aqui tem briga de cães, já tiveram moradores atacados por cães, por gatos, mas os cães são um problema, não há um lugar cercado pra eles. Ainda tem outro problema, faço meus exercícios aqui na Academia da praça e sempre vejo cão fazendo suas fezes nos aparelhos daqui da praça (Frequentador 3).

Constatamos que os acidentes relatados pelos frequentadores se devem a ausência de área com gradil para passeio de animais domésticos e a responsabilidade dos donos de cães que deixam seus animais soltos na praça, que já não possui um espaço adequado para que realizem adequadamente o seu passeio. Ao mesmo tempo, não há nenhuma ação da polícia militar e da Guarda Municipal no sentido de orientar e indicar os limites da presença de animais.

Foi observado também quase que um anexo do parquinho, uma quadra, ou ringue como a comunidade “apelidou”, que é usado para atividades com bola, mais especificamente futebol, já que há duas mini traves propícias ao jogo. Neste local há atividades de futsal com um professor de educação física que é contratado pela organização de moradores do bairro Peixoto. Não foi objetivo desse trabalho abordar a natureza de ocupação do espaço público para atividade privada, visto não se tratar de ação da Prefeitura.

Figura 5: Quadra ou mais conhecido pelos frequentadores da praça como ringue, onde as crianças brincam com bola e regularmente há uma escolinha de futsal e aulas de capoeira financiadas pela associação de moradores.



Outra importante situação que notamos foram as rampas de acesso, que se dão da pista de rolamento para o logradouro da praça. A sua maioria estão péssimo estado de conservação e não atendem as especificidades da ABNT e do Programa Brasil Acessível do Ministério das Cidades (www.cidades.gov.br/secretarias.../cadernos-do-programa-brasil-acessivel último acesso em 08/06/2015). Contam-se 4 rampas localizadas em cada vértice da praça, porém, elas se tornam armadilhas para os usuários e frequentadores devido a sua pouca visibilidade, seja em virtude dos carros estacionados na pista de rolamento, próximos ao logradouro, ou pela ausência de placas de identificação, piso em autorrelevo para identificação dos deficientes visuais, e pela ausência do símbolo universal de acessibilidade. Há uma rampa central, próxima dos aparelhos de ginástica da ATI (Academia da Terceira Idade), que está sinalizada com o símbolo universal de acessibilidade, está em melhor condição de atender os usuários, entretanto, não há sinalização para pessoas com deficiência visual.

No Parque infantil existem duas rampas de acesso, entre o piso interno e o gradil de proteção da área de brinquedos e do fraldário, mas não há sinalização e sua inclinação impossibilita um usuário cadeirante de locomover-se com autonomia nesse espaço. Também não há sinalização indicativa no solo e nem em placa identificando a existência de uma rampa de acesso naquele espaço da praça. Todas as rampas existentes na praça não possuem corrimão, o que aumenta a barreira arquitetônica para os usuários. Após períodos de chuva, como presenciamos, as rampas estão cobertas por água e lama, tornando-se mais um espaço de escoamento de águas pluviais do que uma rampa de acesso para idosos e pessoas com deficiência.

Ainda sobre o espólio da praça, verificamos que possui esculturas e chafariz, que não funciona devido à presença de moradores de rua e uso indevido deste monumento, conforme mencionado pelos frequentadores que prestaram depoimento, não possui banheiros, possui bancos em bom estado de conservação. Uma empresa do setor bancário privado, em parceria com a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, instalou uma estação de bicicletas de uso público.

Serzedelo Correia

A construção da Praça Serzedelo Correia data do ano de 1893, por ocasião da inauguração da estação de bondes de Copacabana. A Praça Serzedelo Correia, localiza-se entre as ruas Siqueira Campos, Hilário de Gouveia e da Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Fica a uma quadra do calçadão da Praia de Copacabana, aos arredores da praça, encontram-se a Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana (na Rua Hilário de Gouveia), Banco do Brasil, Lojas Americanas, Supermercados Zona Sul e o Pão de Açúcar (na Av. Nossa Senhora de Copacabana), e o Centro Comercial Copacabana (na Rua Siqueira Campos). A presença de bancos, lojas, igreja católica e grandes mercados

varejistas indicam que a praça é um ponto de encontro e de refugio para mobilidade dos transeuntes que acessam também o sistema BRS2 que compõem as linhas de ônibus que ligam Zona Sul ao Centro e a Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A Estação de Metrô mais próxima da praça é da Siqueira Campos, com distância entre 300m a 400m. A responsabilidade de zelar pela praça é da V Região Administrativa de Copacabana, que abrange os bairros de Copacabana e do Leme.

Nesta praça, percebemos que os frequentadores desta região são transeuntes de passagem. Porém, existem mesas e espaço para jogos de salão (dama, xadrez, e carta de baralho). Há uma edificação na qual a Guarda Civil Municipal usa como espaço gerenciamento dos patrulhamentos e das tomadas de providências em decorrência das situações de emprego da força de repreensão.

Em relação ao espólio da praça, visualizamos que existem dois banheiros, sendo uma unidade de uso exclusivo para homens e outro banheiro mantido por uma empresa privada para uso de mulheres e homens. Ou seja, só é possível utilizar mediante pagamento. Isso implica na mercantilização de sua utilização.

Figura 6: Local reservado para que os frequentadores possam fazer suas necessidades fisiológicas. Constantemente, uma empresa realiza a limpeza e manutenção.



Existe uma rampa que dá acesso do logradouro para praça, nela há um corrimão, porém, possui elevada inclinação que dificulta a mobilidade autônoma de um cadeirante, percebemos que não atende as normas do programa Brasil Acessível do Ministério das Cidades (www.cidades.gov.br/secretarias.../cadernos-do-programa-brasil-acessivel Acesso em: 08/06/2015) devido à elevada inclinação e por não haver nenhuma sinalização. Outro agravante nesta rampa é que está localizada em frente a uma palmeira e um canteiro que pode causar acidentes. Não há indicação do símbolo universal da acessibilidade e nem piso em alto relevo para localizar a mobilidade para deficientes visuais. A outra rampa localiza-se dentro da área da praça, que possui três níveis de piso, localiza-se na área central, entre os banheiros (público e privado) e a Licere, Belo Horizonte, v.19, n.1, mar/2016

edificação da Guarda Civil Municipal, não há indicação de símbolo universal de acessibilidade, sem corrimão e nem placa de identificação. Os degraus dos níveis do piso estão sinalizados, porém, sem qualquer identificação de que ali se localiza uma rampa de acesso.

Esta praça possui uma área com brinquedos em um estado de conservação não satisfatório em razão do processo de oxidação de algumas partes dos brinquedos. Essa deterioração também foi verificada nos aparelhos de ginástica da ATI instalados na praça. Como é possível ver na foto abaixo, não há área de proteção para os balanços. Isso aumenta o risco de acidente com crianças. A presença da gangorra logo atrás eleva esse risco. Qualquer aglomeração de crianças no espaço entre os dois brinquedos (algo plenamente possível face à localização de ambos) tornar-se-á extremamente perigoso. Ao mesmo tempo, é visível que se formam poças em dias seguidos a chuvas. Como a foto atesta, o dia em questão era de forte sol.

Figura 7: Os balanços estão em situações de desgaste não trazendo nenhuma segurança para as crianças que brincam nele.



Figura 8: Na parte lateral da praça encontramos muita sujeira, lixo e restos de entulho de uma obra mal acabada da prefeitura. Sem contar no buraco que a grade que contorna a praça apresentava.



Figura 9: Na parte lateral da praça encontramos muita sujeira, lixo e restos de entulho de uma obra mal acabada da prefeitura. Sem contar no buraco que a grade que contorna a praça apresentava.



Outro ponto desfavorável é que não há espaço para passeio de animais domésticos e existe um número elevado de pombos, que podem causar complicações respiratórias e dermatológicas ao ser humano causadas pelo contato com os coliformes fecais deste tipo de ave.

Figura 10: Ao andarmos ao longo da praça fomos perseguidos e expulsos pelos pombos que habitavam o local da praça.



Considerações Finais

Considerando as observações feitas nas três praças, concluímos que um dos objetivos dos parques urbanos, segundo Costa e Camargo (2012), é dar ênfase e estimular o aspecto lúdico (nas brincadeiras e nos jogos tradicionais infantis).

Podemos considerar que apesar do poder público atuar nesses espaços realizando a limpeza, manutenção e controle dos equipamentos danificados para possíveis trocas, ainda existem alguns quesitos que requerem mais atenção, principalmente quando se enquadra nas formas de jogos ou atividades dirigidas. Como foi observado neste

trabalho, as crianças ficam dependentes dos pais, avós e babás para que possam frequentar os locais e ainda que eles participem dos jogos como forma de interação realizando jogos e brincadeiras que haja participação de outras crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério das Cidades. **Cadernos do Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana** – Construindo a Cidade Acessível, 2006. Disponível em: [www.cidades.gov.br /secretarias.../cadernos-do-programa-brasil-acessivel/](http://www.cidades.gov.br/secretarias.../cadernos-do-programa-brasil-acessivel/); Acesso em: 08 jun. 2015.

BARBINI, Flavio & RAMALHETE, Filipa. A praça: Intervenções contemporâneas em espaços de patrimônio. **Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v.4, n. 2, p.233-244, 2012.

COSTA, B.V; CAMARGO, L.O.L. Parques urbanos, população e exclusão em São Paulo. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.2, jun/2012.

COTRIM, Gabriela Souza & BICHARA, Ilka Dias. O Brincar no Ambiente Urbano: Limites e Possibilidades em Ruas e Parquinhos de uma Metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 2, p.388-395, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Índices dos bairros**. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/indice/flanali.asp?codpal=647&pal=COPACABANA%20-%20bairro>. Acesso em: 20 jan. 2015.

REVERDITO, R.S; *et al* Espaços e equipamentos disponíveis para o lazer: Possibilidades da criança ao jogo na cidade de Hortolândia-SP. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.3, set/2012.

SEBRAE. Informações Socioeconômicas das Região Administrativa de Copcabana. Rio de Janeiro: SEBRAE-RJ: 2011. Disponível em: [http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/1D783D6F8400E04E8325795700665AE2/\\$File/NT00047106.pdf](http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/1D783D6F8400E04E8325795700665AE2/$File/NT00047106.pdf). Acesso em: 20 fev. 2015.

SERPA, Angelo. **O Espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto: 2009.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa *et al*. Sociedade, Cultura e Saúde: motivação na utilização de espaço público de lazer. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-188, 2012.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**: Um estudo de Antropologia Social. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p.17-29.

Endereço dos Autores:

Marcelo Paula de Melo
Prédio da EEFD - Escola de Educação Física e Desportos.
Depto. Ginastica- sala 221.
Av. Carlos Chagas Filho, 540. Cidade Universitária
Rio de Janeiro - RJ - 21.941-599
Endereço Eletrônico: marcelaomelo@gmail.com

Marcelo Siqueira de Jesus
Departamento de Educação Física FCBS UFVJM
Rodovia MGT 367 - Km 583, 5000
Diamantina - MG - 39.100-000
Endereço Eletrônico: marcelosjesus1975@hotmail.com

Diogo Van Bavel Bezerra
Prédio da EEFD - Escola de Educação Física e Desportos.
Depto. Ginastica- sala 221.
Av. Carlos Chagas Filho, 540. Cidade Universitária
Rio de Janeiro - RJ - 21.941-599
Endereço Eletrônico: diogobavel@gmail.com